



Revista Internacional de Folkcomunicação

ISSN: 1807-4960

revistafolkcom@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Brasil

Prazeres, Giselle Gomes da Silva; Lucena Filho, Severino  
Quadrilhas Juninas: patrimônio cultural ou midiático?  
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 16, núm. 36, 2018, -Junio, pp. 132-144  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.16.i36.0008>

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631766334009>

- [Cómo citar el artículo](#)
- [Número completo](#)
- [Más información del artículo](#)
- [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal  
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso  
abierto

## Quadrilhas Juninas: patrimônio cultural ou midiático?

*Giselle Gomes da Silva Prazeres*<sup>1</sup>

*Severino Lucena Filho*<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a relação entre a mídia e o patrimônio cultural que é estabelecido a partir das Quadrilhas Juninas no Nordeste brasileiro. Especificamente, pretende-se conceituar o patrimônio cultural que apresenta uma dicotomia: material e imaterial e indicar as mudanças comunicacionais nas Quadrilhas Juninas a partir do processo histórico trilhado pelas Quadrilhas Juninas que se consideravam espontâneas ou folclorizadas e que estão sendo convertidas em Quadrilhas institucionais e manipuladas por interesses midiáticos. O recorte metodológico será no Festival de Quadrilhas Juninas da Globo, no ano de 2017, no SESC-Goiana em Pernambuco. Nos resultados iniciais, pretende-se legitimar as Quadrilhas Juninas como patrimônio cultural imaterial.

### PALAVRAS-CHAVE

Mídia; Comunicação; Patrimônio cultural; Quadrilha Junina.

## Juninas Quadrilhas: cultural or media heritage?

### ABSTRACT

The present article aims to understand the relationship between the media and the cultural heritage that is established from the Juninas Quadrilhas in the Brazilian Northeast. Specifically, we intend to conceptualize the cultural patrimony that presents a dichotomy: material and immaterial and indicate the communication changes in the Juninas Quadrilhas from the historical process trodden by the Juninas Quadrilhas that were considered spontaneous or folklorized and that are being converted into Institutional and manipulated Grips by media interests. The methodological cut will be at the Globo Juninas Quadrilha Festival, in 2017, at SESC-Goiania in Pernambuco. In the initial results, it is intended to legitimize the Juninas Quadrilhas as intangible cultural heritage.

### KEY-WORDS

---

<sup>1</sup> Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação. Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Media; Communication; Cultural heritage; Junina Quadrilha.

## **Introdução**

Introduzir o passo, ou ainda, iniciar o arrasta-pé é começar a dança popular característica das Quadrilhas Juninas. Os passos das festas juninas do Nordeste do Brasil tiveram um percurso histórico que vem acompanhado das mudanças sociais, econômicas e culturais da região, bem como as mudanças comunicacionais. Esse percurso pode ser observado, dentre outros, através das Quadrilhas Juninas.

A dança sempre esteve presente no povo brasileiro, segundo Melo (2017), dentro de um contexto histórico, os índios dançavam a Toré, nas senzalas dançava-se o coco. Quando se dá a primeira urbanização, no século XIX, surgem as festas juninas como uma festa espontânea e folclórica nos interiores das pequenas cidades nos arraiais. As Quadrilhas, importadas da França, ganharam um ar matuto e a dança um aspecto rural com a presença do baião, do xote e do xaxado.

O autor Néstor Canclini aborda em sua obra o que se desenrola no cerne da cultura popular e de que forma podemos percebê-la alheia à distorção realizada por diversos agentes sociais. Para situarmos a Quadrilha enquanto pertencente ao seio da cultura popular devemos primeiramente nos debruçar sobre as implicações desta última.

Em seu livro *Culturas Híbridas*, Canclini esboça sua preocupação com o desvirtuamento do conceito de cultura popular pelos setores hegemônicos. Isso nos levou a pensar estrategicamente em dedicar nossos esforços para entender o patrimônio cultural e aquilo que consideramos de patrimônio midiático que atende aos setores hegemônicos.

Percebendo que os meios de comunicação, na maioria das vezes, tratam o patrimônio cultural imaterial de forma diferenciada e, quase sempre, agregada a estereótipos adquiridos pelo pensamento da hegemonia cultural, e entendendo conforme Silva (2017) que a comunicação deve ser uma prática diária na construção da identidade cultural dos sujeitos e que esses podem criar diferentes formas de se comunicar. O problema da presente pesquisa é fixado no seguinte questionamento: é possível entender o Festival de Quadrilhas Juninas da Globo Nordeste como um instrumento de difusão e mobilização do patrimônio cultural deste grupo? Qual a relação estabelecida entre a empresa e as Quadrilhas Juninas? Seriam elas patrimônios culturais ou midiáticos?

A partir dessas questões, este artigo tem como objetivo compreender a relação entre a mídia e o patrimônio cultural que é estabelecido a partir das Quadrilhas Juninas no Nordeste brasileiro e as conexões que são estabelecidas com a cultura popular abordada por Nestor Canclini. Especificamente, o estudo se volta para identificar essas relações a partir do cotidiano desses quadrilheiros de contexto popular.

É válido ressaltar, assim, como pontua Tauk Santos (2009), que os contextos populares devem ser compreendidos como cenários onde predominam populações que vivem em condições de desigualdades do ponto de vista social, político e econômico. A principal característica desses grupos, segundo a autora, é a contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta, desigual e desnivelada.

Este estudo dará voz às pessoas silenciadas dentro do seu contexto popular que são apenas evidenciadas na época dos festejos juninos, no mês de Junho, para atender os interesses da sociedade midiática. No entanto, os quadrilheiros como atores sociológicos defendem a premissa dos diversos aspectos das transformações da sociedade globalizada, onde o sujeito não é algo individual e temporal, sendo assim, não é autônomo e autossuficiente, mas sempre necessita um do outro em todo o tempo para o bem-estar comum.

Ao falar sobre Quadrilhas, estamos nos inserindo no “universo” da cultura popular. Tendo isso em mente, devemos adotar uma abordagem teórico metodológica propícia para tal. A pesquisa se fundamenta nos estudos sobre cultura popular, mídia e suas relações com o patrimônio cultural e a folkcomunicação. Será realizada uma pesquisa documental e uso de roteiro de entrevista semi-estruturado com duas (2) Quadrilhas Juninas do Nordeste do Brasil, dos Estados de Pernambuco e Alagoas, a saber a Quadrilha Junina Tradição de Recife, Pernambuco e a Quadrilha Junina Santa Fé de Alagoas.

A escolha dessas Quadrilhas se deu a partir dos seguintes critérios: serem da região Nordeste do Brasil, componentes jovens, acima de 200 integrantes, participantes e ganhadoras do Festival de Quadrilhas Juninas da Globo. A Quadrilha Junina Tradição ganhou nos anos de 2005 e 2011 o campeonato regional e 2004, 2005, 2011 e 2016 no campeonato local, já foi criada em 2015, e no primeiro ano ganhou o campeonato regional da Globo o que demonstra o potencial cultural que a Quadrilha carrega consigo.

Este artigo, não pretende esgotar o tema do patrimônio cultural e do patrimônio midiático, o que é interessante, pois pode abrir margem para futuras pesquisas, sobretudo, no que diz respeito às políticas públicas do patrimônio cultural imaterial, a tutela do Estado, assim como sobre a hegemonia cultural, comunicação e mídia, a partir do objeto de estudo das Quadrilhas Juninas.

### **Anarriê, alavantu do patrimônio cultural**

O patrimônio cultural apresenta uma dicotomia que é pouco discutida e valorizada na sociedade brasileira. Ela pode ser material ou imaterial. Observamos que, conforme Souza (2008) propõe sempre foi valorizado sob seu aspecto material, a exemplo dos monumentos, igrejas, centros históricos, obras, objetos, enfim, bens tangíveis que apresentam características históricas, artísticas, paisagísticas, arqueológicas e/ou arquitetônicas. O patrimônio cultural em sua dimensão imaterial, representado pelas manifestações culturais, pelos usos e costumes de um povo, pela comida, pelos modos de criar, de fazer e de viver, etc., foi por muito tempo esquecido, não sendo objeto da tutela estatal.

Segundo a Constituição Federal de 1988 inovou ao prever a proteção do patrimônio cultural em suas diversas dimensões, inclusive a imaterial, de modo que fossem utilizados instrumentos como o inventário, o registro, a vigilância, o tombamento e a desapropriação, dentre outros. A Carta Maior trouxe uma visão ampliada do patrimônio cultural, e com ela a necessidade de entendê-lo a partir dos processos culturais que regem as relações sociais humanas e que são constantemente recriados, baseados nas ideias de dinamicidade e fluidez, iniciando um novo processo no tratamento do patrimônio cultural.

A produção de fenômenos que contribuem mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (Canclini, 1982, p. 29).

Com isso, o autor procura se afastar do viés metodológico que tenta identificar o cultural com o ideal, ou ainda o material com o imaterial. Aliás, Canclini (1982) repudia a ideia de analisar algum desses níveis isoladamente, já que para ele não existe produção de sentido que esteja alheia a estruturas materiais. Logo, a dicotomia de material e imaterial não deveria ser analisada separadamente.

Embora se tenha avanços no reconhecimento dos bens representativos das diversas culturas, conforme Canclini (1997) prevalece na sociedade contemporânea uma hierarquia, na qual os bens das classes ou grupos subalternos têm lugar acessório no processo do seu reconhecimento. Na visão do autor, este fato assenta o patrimônio na condição de um espaço no qual se trava uma luta material e simbólica entre classes sociais e grupos étnicos.

A cultura popular passa a ser produzida de forma industrial e comercial com objetivos lucrativos para uma sociedade de consumidores. Tais processos decorrem de cruzamentos culturais afetando os formatos tradicionais e modernos, artesanais e industriais que se reconfiguram, tornando-se tecidos culturais híbridos (GARCÍA-CANCLINI, 1997; SANTAELLA, 2003). As festas juninas são formadas de um tecido social híbrido.

Nas Quadrilhas Juninas, os figurinos, a dança, a música, grande parte do aparato estético-coreográfico foi (e continua sendo) reconfigurado conforme necessário para moldar-se com as exigências do regimento do Festival de Quadrilhas Juninas da Globo e dos órgãos estatais com os festivais locais.

Essas mudanças possibilitaram as Quadrilhas juninas se manterem ativas e em evidência até a atualidade, apesar dos conflitos gerados internamente devido as constantes interferências promovidas por esses setores hegemônico com: a falta de patrocínio para as Quadrilhas e nenhuma política pública de subvenção a esses grupos culturais, em Pernambuco e Alagoas e as amarras tradicionais de alguns segmentos das Quadrilhas Juninas.

Não temos aqui a ingenuidade de afirmar que as festas e práticas tradicionais continuaram intactas mesmo depois do processo de modernização da sociedade, o que houve foi uma adaptação, e como toda adaptação algumas características desapareceram e outras surgiram, isso faz parte do incrível caminho traçado pelas culturas populares no capitalismo.

### **A dama Mídia e o Cavaleiro patrimônio cultural**

A dama Mídia demonstra uma capacidade de fixar sentidos e ideologias, conforme Moraes (2016) selecionando os conteúdos que, ao seu critério, devem ser vistos, lidos e ouvidos pelo conjunto do público é o que poderíamos chamar de gestão midiática da realidade.

No Festival de Quadrilhas Juninas da Globo, é interessante perceber a preposição “da”, ora como se o produto cultural Quadrilhas juninas fosse de propriedade deste veículo de comunicação. Observe na figura 1,

Figura 1: Ordem de apresentação das Quadrilhas

[illegible]

Fonte: **fanpage** do **Quadrilhas.PE**

Sendo assim, no âmbito da mídia as Quadrilhas Juninas tornam-se cada vez mais traduzidas pela publicidade em espetacularizações audiovisuais. Para isso, é vinculado imagens portadores de significados que alimentem uma mentalidade cultural caracterizada pela incessante vontade de comprar o melhor figurino, de possuir os adereços com pedras e brilhos, aderir a modismos, entre outros.

No Festival de Quadrilhas Juninas as imagens e objetos artísticos transcendem as intenções originais dos quadrilheiros para completar um circuito de produção e comercialização para atender aos patrocinadores do Festival, veja na figura 2, observe também que na peça publicitária, não existe mais a preposição “da”. Indicando assim que é intencional e oportuna sua colocação.

**Figura 2:** indicação dos patrocinadores do Festival



**Fonte:** Ariel Ala representação

O Festival de Quadrilhas Juninas 2017 engloba eventos midiáticos com os programas regionais, chamadas nos telejornais e programas especiais vendidos para TV por assinaturas, espaços públicos pois é um evento gratuito e aberto ao público, galerias de fotos, museus, feiras, pontos turísticos, ampliando exponencialmente a conversão de bens culturais em mercadorias, ou ainda, o patrimônio cultural em patrimônio midiático.

Conforme Moraes (2016) a mercantilização arrasta para o consumo de massa um conjunto de manifestações até então tidas como elitistas e que agora se inserem nas agendas midiáticas no mês de Junho atreladas à publicidade, aos esquemas promocionais e a lucratividade da empresa que promove o Festival visto que todos os patrocínios são da empresa que promove o Festival e não das Quadrilhas Juninas.

Enquanto perguntados, se os quadrilheiros recebem algum recurso financeiro para participar do Festival, eles dizem que:

Pelo contrário, gastamos para está presentes. Pagamos transporte, alimentação do pessoal, gastamos muito para levar nossa Quadrilha para o Festival. É o festival mais importante, todo mundo quer aparecer na TV e ficar famoso. (Quadrilheiro Junina Tradição)

No entanto, para além do patrimônio midiático e todas as suas consequências mercadológicas, temos o patrimônio cultural e que a partir da observação direta das Quadrilhas Juninas: Tradição (Pernambuco) e Santa Fé (Alagoas), pudemos perceber alguns elementos se repetem tais como: religiosidade, preocupação com o repertório, contextualização de temas sociais no projeto junino e os valores endógenos, como força de vontade, dedicação e compromisso dos quadrilheiros com o seu grupo cultural.

Também foi observada a participação majoritária de jovens enquanto componentes das Quadrilhas.

Somos 226 integrantes de vários bairros de Maceió. Temos componentes que enfrentam 80 a 100 km para estar conosco nos ensaios. (Quadrilheiro da Santa fé)

No universo dos quadrilheiros esse pressuposto é mais que evidente quando pensamos quão ativos eles são em outras esferas socioculturais, muitos participam de outros



grupos de dança, capoeira, etc. (muitas vezes a própria quadrilha oferece essa opção aos seus integrantes, apoiando, no caso Quadrilha Junina Tradição, na época do Carnaval a Escola de Samba Galeria do Ritmo. Dessa forma, a Quadrilha é mais uma peça a se encaixar no quebra-cabeça do engajamento cultural dos quadrilheiros.

Temos um mesmo objetivo que é mostrar o nosso projeto junino com verdade, força e coragem de ir para os arraiais. As dificuldades também nos une muito. Temos a liga de Quadrilhas Juninas do Estado, temos a Federação do nordeste e brasileira de Quadrilhas Juninas. (Quadrilheiro da Junina Tradição)

O quadrilheiro da Junina Tradição fala o que Canclini (2003) classifica de interações globais que unem pessoas com o mesmo objetivo, seja para consumo, atividades culturais, entre outros. Canclini (2003, pg. 160) ressalta que “a dispersão geográfica das interações globais se combina com locais estratégicos, em muitos pontos do planeta, que espacializam as comunicações”.

Sendo assim, é possível que o patrimônio midiático possa auxiliar na interação, a aproximação e o diálogo de pessoas com pautas em comum, neste tópico, o Festival de Quadrilhas Juninas da Globo cumpre o seu papel e traz benefícios ao movimento junino no Nordeste do Brasil.

A questão principal é pensar o folk como um “fenômeno” que está à mercê da hibridização provocada pela influência tanto dos agentes populares quanto dos meios de comunicação de massa. A expressão “performances folkcomunicacionais”, segundo Giselle Gomes (2017), surge ante a necessidade de uma construção social e cultural acerca das performances ensejadas por grupos marginalizados, conforme os estudos de Luiz Beltrão (1980).

Ainda segundo a autora, performance, neste caso, é qualquer expressão, marca ou identidade que visa passar uma mensagem, seja por um gesto, uma dança, uma encenação - artística ou não. No caso das Quadrilhas Juninas, o seu espetáculo junino é uma performance folkcomunicacional.

O patrimônio cultural imaterial não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as contradições. Com essa premissa um tanto confusa numa primeira leitura, Canclini (2003) afirma que não há uma preocupação por parte do popular em reproduzir e reforçar a ordem tradicional da sociedade, pelo contrário, muitas

vezes o popular realiza inversões, paródias e através de um tom jocoso se relaciona de um modo mais aberto com a hierarquização e com os parâmetros estabelecidos. Para exemplificar, podemos encontrar esse mecanismo no âmbito das Quadrilhas, no quesito do casamento caipira, no qual os indivíduos representam o matrimônio a partir de diálogos e performances folkcomunicacionais que invertem e satirizam essa instituição tipicamente tradicional abordando assuntos como machismo, sexo pré-nupcial e severidade dos pais.

O casamento é uma parte central da apresentação da Quadrilha. É o único momento de fala da Quadrilha. Temos 07 minutos para executar mas são muitos ensaios, construções e reconstruções dos textos, das ideias, temos que pensar no figurino e tudo mais. (Quadrilheiro Junina Tradição)

Para pensarmos essa questão, evocaremos o que diz Anthony Giddens sobre a ideia de tradição, na qual ele chama atenção para as mudanças que se processam nela ao longo da linha do tempo:

A ideia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. [...] A persistência ao longo do tempo não é a característica chave que define a tradição, ou seu primo mais difuso, o costume. As características distintivas da tradição são o ritual e a repetição. As tradições são sempre propriedades de grupos, comunidades ou coletividades. Indivíduos podem seguir tradições ou costumes, mas as tradições não são uma característica do comportamento individual do modo como os hábitos o são (GIDDENS, 2000, p. 51- 52).

Perceber que a tradição possui caráter dinâmico é reconhecer que ela é mantida por atores sociais dotados de uma constante mutabilidade. Sendo assim, a tradição não é realmente pura quando ela tem suas características cristalizadas sem que apresente nenhuma alteração com o passar do tempo, pelo contrário, ela só o é pela instauração da coerência entre a tradição e o contexto no qual vive a sociedade.

Pensar a tradição dessa forma que foi explicitada pode, de fato, auxiliar na consolidação de determinadas tradições e manifestações populares, em contrapartida, uma corrente de pensamento mais conservadora sobre tradição. O que está em discussão aqui é relacionar se uma manifestação cultural popular precisa ou não se submeter ao arriscado jogo político e midiático dos setores hegemônicos para buscar sua sobrevivência na modernidade. Não temos a pretensão de dar uma resposta definitiva a essa questão, mas nos convém pontuá-la sistematicamente.

A incorporação de elementos modernos no folclore fortalece sua integração com uma dada sociedade quando esta fornece os meios necessários para uma adaptação mais sutil, sem que muitas características originais percam seu espaço. Em outras palavras, quando um determinado grupo folclórico começa a dialogar com o ambiente moderno, as imposições dos setores hegemônicos irão surgir, assim como os mecanismos de adequação.

O importante é fazer com que esses mecanismos operem mais no sentido de adequar o moderno ao popular, e não ao contrário. Seria o caso de repensarmos o valor que a tradição popular tem para a sociedade, e a partir daí medidas serem adotadas no intuito de que as classes hegemônicas interfiram o mínimo possível na produção cultural dos agentes populares.

Parece uma via mais fácil de ser imaginada do que percorrida, mas é possível realizá-la desde que haja uma preocupação verídica com a preservação dos protagonistas das manifestações culturais, assim, dando mais voz a esses agentes, as inevitáveis intervenções modernas serão amortecidas pela ação direta dos mesmos.

Neste sentido o Festival de Quadrilhas Juninas dá total liberdade para as Quadrilhas Juninas,

Podemos criar, recriar, o projeto junino é totalmente nosso. Temos total liberdade para fazer nosso espetáculo. Somos protagonistas da nossa história na Quadrilha. Isso é fantástico e libertador. (Quadrilheiro Junina Tradição)

A ansiedade mercadológica pode vir a influenciar negativamente nesse modo de ação, pois a busca da obtenção de capital tende dar prioridade à reprodução do popularesco em detrimento a uma postura de manutenção dos traços populares. De outro modo, temos aqueles que não veem com bons olhos esse flerte das manifestações culturais com a modernidade, pois, segundo eles, isso teria a consequência de uma desvirtuação irreversível que as transformariam em algo completamente distinto do que eram enquanto isoladas em sua fortaleza de tradição.

Ora, decerto grupos folclóricos que entraram nesse jogo já não é mais como antes, como exemplo podemos citar o Maracatu rural, cada vez mais profissionalizado e dotado de performances forçadamente mais elaboradas com a intenção de impressionar os turistas e a mídia.

O que se põe como empecilho nessa forma de pensar é a incerteza da perpetuação dos grupos que tentam manter-se em sua própria redoma, já que, a falta de incentivo, de apreciadores e de reconhecimento podem levar tais grupos ao esquecimento, tendo como destino o cemitério das manifestações culturais, segundo dados da Rede Globo de Televisão, no início do Festival de Quadrilhas Juninas em 1988, e participavam cerca de 80 Quadrilhas Juninas de todos os Estados do Nordeste, atualmente este número não chega a 40.

A Quadrilha junina é um patrimônio cultural imaterial que precisa ser cultivado ela faz parte da nossa cultura popular e deve ser inserida num processo de manutenção ritualística e estética que tenha como principais atores os próprios agentes populares envolvidos. O governo e os meios de comunicação precisam dessa manifestação enquanto “espetáculo junino”, mas uma interferência excessiva destes pode vir a prejudicar a dinâmica das Quadrilhas, que já recebem uma grande influência do contexto moderno.

Sendo assim, devemos repensar a importância que as manifestações culturais desse tipo têm para nós, com isso em mente poderíamos tomar decisões com o objetivo de conceber um pouco mais de autonomia aos agentes populares para que estes possam atuar sobre os procedimentos de reconfiguração da cultura popular.

As apropriações das tradições mediadas pela cultura midiática criam tensões entre a preservação da cultura, que resguardaria as raízes e as incorporações de novas representações sobre os festejos, o que rearticula a noção de patrimônio cultural e as intervenções midiáticas.

Para se pensar nessa alternativa para superar tal relação entre a mídia e o patrimônio cultural, não precisamos mergulhar num mar de ufanismos, bastam termos consciência da capacidade da cultura popular de encantar, emocionar e trazer o belo para nosso cotidiano açoitado pelo consumismo e pela burocracia, assim, a partir daí, sairmos do campo das abstrações e fazermos com que os populares operem pelo popular.

## **Considerações finais**

A escolha pelo tema das Quadrilhas Juninas como patrimônio cultural e a relação com o patrimônio midiático é um grande desafio. A construção a partir de estudos realizados com

base na forma com o Festival das Quadrilhas Juninas da Globo é representada nos meios de comunicação foi nosso ponto de partida.

No entanto, acreditamos que a festa continua e os estudos em relação ao patrimônio cultural e midiático é uma construção sociológica que compromete os pesquisadores de folkcomunicação.

O intuito neste artigo foi tentarmos compreender, como os sujeitos culturais realizam neste espaço, o Festival de Quadrilhas Juninas da Globo, a prática para alterar padrões e comportamento na emissão da mensagem e entender que ideologia e interesses o grupo tem na apropriação da mídia com local de produção cultural, social e política.

Além disso, superar os interesses midiáticos para mostrar sua performance folkcomunicacional como um patrimônio cultural imaterial da sociedade que precisa ser visto, ouvido e valorizado como tal.

A experiência da vivência com as Quadrilhas Juninas demonstrou que, na complexidade da sociedade globalizada, onde estão inseridos os contextos populares locais, é importante enfatizar três aspectos: a valorização do endógeno, a capacidade cultural e as articulações institucionais, quer sejam elas públicas ou privadas, os quais precisam incentivar uma possível construção de trabalho contínuo do patrimônio cultural inclusive com políticas públicas e estatais apoiando os grupos culturais como a Quadrilha Junina.

As Quadrilhas Juninas são patrimônios culturais imateriais que apresentam um valor incomensurável na sua atividade cultural, pois promove a transformação social das pessoas com sentimento de esperança e resistência.

Constatamos que, a partir dos objetivos propostos, o trabalho verificou que existe uma estreita relação entre a mídia e o patrimônio cultural que é estabelecido a partir das Quadrilhas Juninas no Nordeste brasileiro, observado no recorte epistemológico do Festival de Quadrilhas Juninas da Globo.

De fato, apesar de todas as agruras presentes no contexto popular, os grupos estudados: a Junina Tradição (PE) e a Quadrilha Santa fé (AL) não desistem de lutar por bons Festivais, de trabalhar para transformar e melhorar a vida de seus componentes, e finalmente, com uma resistência constante para o bem-estar das comunidades que representam nos arraiais juninos.

## Referências

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo. Ed. Iluminuras LTDA, 2003.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4ed. São Paulo: Edusp, 1997.

\_\_\_\_\_. **As Culturas Populares no Capitalismo**. Tradução: Cláudio Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

GIDDENS, Anthony. **O mundo em descontrole**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges - Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMES, Giselle. ANDRADE, Ítalo; LUCENA, Severino; Moux, Suelly. Anarriê, alavantu: performances folkcomunicacionais promotoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição- Recife, PE. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. v.15,n.34, 2017.

MELO, José Marques; OLIVEIRA, Maria José(Orgs.). **Roberto Benjamin**: pesquisas, andanças e legado. Campina Grande: Edupeb, vol.1, 2017.

MORAES, Denis. **Crítica da mídia& Hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Faperj, 2016.

SILVA, Luzinete Vicente, NUNES, Márcia. Mídias negras: um espaço de produção do ativismo da juventude negra Kalunga através do uso das novas tecnologias. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v.15, n.35, 2017.

SOUZA, Carla Gabrieli Galvão de. Patrimônio Cultural: O Processo de Ampliação de Sua Concepção e Suas Repercussões. **Revista Arcos**, 7.ed. pg. 37-66, Brasília,2008.

TAUK SANTOS, Maria Sallet. **Inclusão digital, inclusão social?**. Recife: UFRPE, 2009.

**Artigo recebido em: 18/04/2018**

**Aceito em: 01/06/2018**